

20/

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

9/22/5

A QUESTÃO DA NATURALIDADE

— **DE** —

Diogo Bernardes e Fr. Agostinho da Cruz



1924

TIPOGRAFIA GUIMARÃES

PONTE DE LIMA

~~1861~~
21070

COMPRA

R. 186046

SEPARATA de cincoenta exemplares
do Almanaque de Ponte de Lima para
1923, 5.º ano da sua publicação. To-
dos os exemplares são numerados e ru-
: : : : bricados pela autora : : : :

Exemplar n.º 26

Med. Vasconcellos

Carta aberta ao Ex.^{mo} Snr. Juiz de Direito
Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz

Excelentissimo Senhor:

Preguntou-me V. Ex.^a, por ocasião de uma sua recente visita a esta casa, se entre os meus apontamentos relativos à historia da literatura portugueza não haveria alguns, inéditos, que dissessem respeito á deliciosa terra da sua naturalidade, onde está o solar da sua familia, e pudessem figurar no *Almanaque de Ponte do Lima* que está a publicar.

Sem precisar de longa reflexão, repliquei que realmente eu devia ter varios sobre os dois *Limianos* mais celebres, irmãos de Antonio Pimenta, 9.^o avô de V. Ex.^a: o grande bucolista Diogo Bernardes e seu irmão mais novo: aquele Agostinho Pimenta que, ferido perto dos vinte pelas sétas do Amôr e envenenado por difamação, se fez Capuchinho: o mistico penitente Frei Agostinho da Cruz.

Esses apontamentos prometi pô-los ao seu alcance, receando todavia que outros colaboradores já se houvessem occupado do mesmo ponto, restrito mas tão interessante, que já fôra versado repetidas vezes em opusculos independentes e artigos de Revista, desde que o incansavel renovador da historia literaria de Portugal tocara de leve nele em 1870, num dos seus primeiros escritos, os *Estudos da Edade Media* e logo depois na *Historia dos Quinhentistas* (1871). Provavel era portanto que nas minhas colecções não houvesse nada de novo. Ou muito pouco. E o assunto estivesse exgotado, graças à laboriosidade de João Gomes de Abreu (na *Revista de Guimarães*, III, 1886, completado em 1907, 1910 e 1916), ás *Notas á Margem* de Hemeterio Arantes (1909); ás investigações



genealogicas de Alvaro Pimenta da Gama (*Instituto*, vol. 57 e 58); os *Subsidios*, XXI, do Dr. Mendes dos Remedios; e novamente exposições de Teófilo Braga na *Renascença* (de 1914); e de Delfim Guimarães no *Arquivo Literario*, I (1922).

A promessa que dei a V. Ex.^a, cumpro-a hoje, enfeixando das minhas *Notulas Bernardianas* aquelas que tratam do *rio Lima*, da *ribeira* ou *beira* do mesmo nome, e dos criptónimos *Limabeu* e *Limiano* que serviram de disfarce a ambos os poetas quando tocavam a flauta pastoril.

Os materiais que se referem ás obras, ainda muito mal conhecidas, de Diogo Bernardes; á melindrosa questão dos plagios e furtos; e ao suposto malquerer que o poeta do Lima votava a Luis de Camões, esses fazem parte de um meu tratado sobre o *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* que vai entrar no prélo, como N.º II dos meus *Estudos Camonianos*.

Aí e em escritos meus anteriores (com variantes, poesias inéditas, e considerações criticas), publicados em parte em Revistas estrangeiras, o empresario da *Bibliotéca Clássica Portuguesa* encontrava numerosas contribuições à sua bem-vinda reimpressão das obras de Diogo Bernardes, se não se contentasse com nos dar, em boa disposição tipografica, um texto legível das poesias impressas em vida do poeta do Lima. Que pelo menos no-lo dê rapidamente!

*

A lista dos passos em que Diogo e Agostinho falam do *rio Lima* é extensa. Muito mais do que a que abrangeria os trechos dedicados por Sá de Miranda ao Neiva, por Rodrigues Lobo ao Liz, ou por D. Francisco de Sá e Menezes ao Leça.

Deixando de lado todos aqueles em que o *Lima* aparece sem epíteto ornante, baste registrar que, caracterizado pela sua serenidade bucolica, ele é ora *claro* (Egl. I, VII, XVIII; Carta XIV e XX, Soneto 42); ora *fresco* (Egl. VII); *manso* (Egl. XIV); *brando* (Egl. I, Carta XX, Son. 43, 117, 133 e Ag. Son. 10); *doce* (Ag. Eleg. X); *saudoso* (Carta XXXIII). *Triste* apenas por ocasião da morte de um filho do Visconde de Lima (*B. Jesus*, 164). Cheio de carinho Diogo gosta de o chamar *meu Lima* (Carta I), *este meu Lima* (Dedic.), *o nosso Li-*

ma (Egl. VII); *patrio Lima* (Carta I, XVI, XVIII, XXIX, Son. 4) ou, acumulando varios desses adjectivos *meu patrio Lima saudoso e brando* (Son. 40).

Com inevitavel reminiscencia clássica, ambos os Limianos, como verdadeiros Quinhentistas, juntam tambem repetidas vezes, ao nome—*Lima*—a frase *que Lethes se chamou antigamente*, e *que de cousas passadas desobriga*, ou falam das *letheas aguas do patrio Lima* (Carta I). Nuns versos autobiograficos Frei Agostinho é um pouco mais explicito dizendo

Junto das bravas aguas oceanas
chopo quanto cantei na mocidade
ó som daquelas mansas limianas,
daquelas que já foram noutra idade
com nome de letheas celebradas.

Como sitio da sua naturalidade, a patria pequena em que cantaram os seus primeiros versos, apontam naturalmente mais vezes do que o *rio*, a *ribeira* ou *beira* do Lima (Egl. XII e XV) em formulas como *desta onde naci fresca ribeira*, ou *da ribeira do Lima donde vim* (Carta IX e Dedic. de Ag.). Uma vez Frei Agostinho diz positivamente *Na ribeira do Lima fui nascido* (Ag. Eleg. pag. 281).

Dizendo apenas *De Lima naturaes* (Ag. Egl. VII e XII) ou *o pastor que no Lima foi nascido* (Carta XXVIII), applicam evidentemente o nome fluvial ás margens da região que percorre, e era percorrida por Diogo e Agostinho nos seus passeios idilicos. O mesmo sentido tem como titulo dado á collecção das *Eglogas* e *Cartas* em cuja *Dedicatoria* Diogo afirma que tudo ou quasi tudo o que vai escrito nesse *Lima*, foi composto na *ribeira*. Igual significado tem no titulo *Flôres do Lima*, dado á collecção dos Sonetos e das Redondilhas e Elegias.

Em vista de tantas e tais afirmações não houve quem duvidasse de que Diogo Bernardes e Agostinho Pimenta foram Limianos, nem tão pouco de que o *seu correr pela praia do rio abaixo e arriba* cantando os seus primeiros versos, a que alude Sá de Miranda, se passou naquela parte mais bucolica e risonha do Minho que se estende de Ponte da Barca a Ponte do Lima.

Ninguém ficou todavia sabedor ao certo, se o lugar onde nasceram e passaram a infância e primeira mocidade, fôra a velha Ponte do Lima, de onde viera sua mãe e onde residia a Silvia (Luisa) que Diogo amava, ou a relativamente moderna e modesta Ponte da Barca. Ou mais especificadamente, junto a essa povoação, a *Insua*, de frente da Boa Vista, apertada entre o Lima e o Vez, propriedade do pai João Rodrigues de Araujo, Colaço de Manuel de Magalhães, 4.º Senhor da terra da Nobrega e da Barca, recebida dele por emprazamento.

Nomes topograficos compostos como os dois não tem entrada, no seu prosaísmo nú, em versos bucólicos e elegiacos. Só em epigramas e assinaturas de *Cartas*:

Ponte do Lima, no sobrescrito da Carta V A Luiz de Alcaçova Carneiro, em resposta doutra, que me escreveu, estando em Ponte de Lima. Que esse participio—presente—se refere ao sujeito, prova-se pela lei gramatical, o conteúdo da Carta, e meia duzia de outras Cartas de Bernardes, com epigramas analogas (X, XX, XXIV, XXV, XXVII e XVIII).

Na Carta XVII, posterior ao cativo, *De Jorge de Bacarrao... estando em Ponte de Lima...* ha a preciosa declaração suplementar *estando eu na Ponte da Barca*.

Da Barca, 11 de Março de 1574, é datada tambem a unica Carta em prosa ao Dr. Antonio de Castilho, conhecida até hoje. Fotografada no *Arquivo Historico Português* (I, 141).

Na Barca residia o pai, e ha ainda hoje descendentes.

Na Barca nasceu Frei Agostinho Pimenta, segundo os assentos de Frei Antonio da Piedade, crónista-mór da ordem monastica a que, como Frade Capucho, pertencia, de 1561 até 1619.

Indirectamente, por metáfora poetica, é visada a Barca como terra da naturalidade de ambos os irmãos na Egloga II (*Flora*) que, jogando com a primeira (*Adonis*), quanto ao assunto (o falecimento prematuro do jovem Mecenas dos Quinhentistas, o principe D. João) se passa

Num solitario vale, fresco e verde,
onde com veia doce e vagarosa
o Vez no Lima entrando o nome perde.

—Deixe-me aqui abrir parentese para lembrar a V. Ex.ª

que Manuel de Sousa Pinto se engana na identificação do *Adonis*, fermoso e caro, com D. Sebastião, confundindo-o com seu pai!—

Fechando-o, continuo a dizer que, quanto ao ponto onde o Vez desagua no Lima,—no sitio da Barca, portanto,—nasceram os interlocutores do Idilio, *nesta nossa ribeira ambos nascidos*, segundo afirma Limiano, recitador da parte narrativa. E embora esse seu papel, e os nomes dados aos dois,—*Tirse e Melibeu*,—assim como quanto se narra a respeito da sua estada em Lisboa, cause serias dificuldades com relação á identificação, as asserções locais indicadas parecem visar os dois irmãos.

Além do afluente Vez, Diogo Bernardes menciona ainda o mais pequeno — Vade — que só podia interessar a quem era da Barca. Por duas vezes. Na Carta IV invoca

as Napeas de Vade, Vez e Lyma

E no Soneto 132, dirige-se, de regresso do cativoiro, ao patrio Lima e ás

Ninfas do rio Lima, Vez e Vade.

Entendo que esses argumentos a favor da Barca são suficientes.

Mas, mesmo depois de Hemeterio Arantes haver chamado a atenção dos que ignoravam esses factos para a Carta XVII, houve e ha ainda quem dê a preferencia a Ponte de Lima. Suspeito mesmo que V. Ex.^a pertence ao grupo que se encosta á opinião defendida, em tempos, por Inocencio da Silva, e ainda hoje por Teofilo Braga, contra Barbosa Machado, João Gomes de Abreu, o Dr. Mendes dos Remedios, Hemeterio Arantes, Alvaro Pimenta da Gama, Delfim Guimarães e esta sua veneradora.

Por quê? Por causa da maior glória de Ponte do Lima, e por as mais antigas afirmações que possuímos, do primeiro quartel do seculo XVI, assim rezarem.

Todavia V. Ex.^a seguramente não esqueceu que o Anónimo, e benemerito, que em 1614 acompanhou as poesias de Sá

de Miranda com uma introdução biográfica, em que cita Bernardes como vivendo em Ponte de Lima, já foi acusado de bastantes inexactidões. Nem tão pouco olvida que a edição seiscentista de Bernardes em cujo frontispicio figura junto ao nome dele a aposição *natural de Ponte do Lima*, parece ser a das *Varias Rimas ao Bom Jesus* de 1608, posterior ao falecimento do autor. Pelo menos, é o que declara, um pouco ambiguamente embora, Teofilo Braga na *Historia dos Quinhentistas*, pag. 244.

Eu não possuo nenhuma das edições *principes*, nem das primeiras reimpressões das *Varias Rimas*, nem mesmo tive ensejo de as ver. Nada posso *afirmar* por isso. Lamentando a falta de um verdadeiro documento autenticador, confesso por isso apenas que me inclino a favor da Ponte da Barca pelos motivos apontados.

*

Quanto aos nomes pastoris, derivados de *Lima*, com os quais Diogo e Agostinho costumam bucolizar-se, *Limiano* designa em regra ao mais velho, e *Limabeu* com a variante *Libameu*, o mais novo,—tanto mais novo que opõe a sua infancia á mocidade daquele e o considera como seu mestre. A' ninfa da sua terra, de que Agostinho se apaixonara, deu-lhe contudo o nome vago de *Limiana*, na Egloga XII, com o Epitafio de *Limabeu e Limiana* e o Soneto de *Limiana*.

Melibeu, empregado como nome de um pastor nas Eglogas II e VIII, é no primeiro caso companheiro de um *Tirse* (no segundo de um *Sileno*). Tenho-o em conta de virgiliano como *Tirse* (e *Coridon* e *Titiro*) e conjecturo que foi ele que levou os dois irmãos a transformá-lo, por transposição anagramatica, em *Limabeu* e *Libameu* (Ag. Egl. I, II, IV, VI, VIII e XII, *Subsidios* XXI, pag. 51, 57, 417 e 428; e na Egl. III *O bom de Limabeu he Capuchinho*).

V. Ex.^a lembra-se seguramente daquele *Melibæus* da Egloga I ao qual *Thyrse*s dirige as palavras muito citadas *O Meliboece deus nobis haec otia fecit*.

*

Das difficuldades que ha em identificar os pastores com figuras da vida real, de que ás vezes são retratos, ás vezes só

tem um ou outro traço, e da particularidade de Diogo, *Limiano* em geral, ser *Alcido* como namorado de Silvia (em alguns manuscritos *Alcino*, e *Alcipo*), *Albanio* (ou *Albano*) como adorador de uma *Armia* e de *Marília*, e também *Minicio* nos versos do irmão, não quero falar por miúdo, porque me levaria muito longe. E como da teoria já tenha tratado mais de uma vez no *Sá de Miranda*, *Cancioneiro Fernandes Tomas*, *Introdução á Menina e Moça*, prefiro ficar por aqui, pedindo desculpa do pouco que ofereço a V. Ex.^a e aos seus amigos e leitores. Assim não falto pelo menos ao prazo que fixei para a entrega destas letras.

PORTO,
22 DE DEZ.^o DE 1923.

De V. Ex.^a,
veneradora muito atenta,

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.



~~46~~
21070

Acabado de imprimir-
se, por Antonio José Li-
nhares Junior aos quin-
ze dias do mez de Fe-
vereiro de mil nove-
centos e vinte e qua-
tro, na casa de Avelino
Guimarães, com livra-
ria, tipografia e impres-
são na vila de Ponte
::: de Lima :::

